

## **Corpo, Gênero e Sexualidade: O Currículo do Curso de Pedagogia Da UESB (Campus de Itapetinga-BA)**

### **Body, Gender e Sexuality: Curriculum Course Pedagogy of UESB (Campus Itapetinga-BA)**

**Lilian Moreira Cruz**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
E-mail linternura@hotmail.com

**Marcos Lopes de Souza**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
E-mail marcoslsouza@ig.com.br

#### **Resumo**

Este artigo objetivou analisar o Currículo do curso de Pedagogia da UESB (campus de Itapetinga-BA) quanto às questões de corpo, gênero e sexualidade. O aporte teórico deste trabalho são os estudos pós-estruturalistas de Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Tomas Tadeu da Silva, entre outros. A pesquisa foi pautada em uma abordagem qualitativa utilizando-se nesta fase do trabalho, da análise do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e da entrevista semiestruturada com a docente responsável pela disciplina “Educação, Gênero e sexualidade”. Os resultados apontaram que o curso de Pedagogia da UESB de Itapetinga-BA oferece uma disciplina para trabalhar as questões de corpo, gênero e sexualidade. No entanto, essas questões ficam restritas apenas a uma disciplina, sendo que deveriam perpassar todas as disciplinas do curso, abordando a temática sexualidade e gênero de modo intencional e ao longo de todo o processo de formação docente.

**Palavras chave: currículo, gênero, sexualidade, pedagogia**

#### **Abstract**

This article aims to analyze Curriculum at the Pedagogy Course of a UESB (Campus Itapetinga-BA) about the body, gender and sexuality. The theoretical contributions of this work are post-structuralist studies, such as Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Tomas Tadeu da Silva, among others. The research is guided by a qualitative approach using, in this phase of work, analysis of the Course's Pedagogical Project (CPP) and semi-structured interviews with teacher responsible for the course “Education, Gender and Sexuality”. The results showed that the course of Pedagogy UESB Itapetinga-BA provides a discipline to work through the issues of body, gender and sexuality. However, these issues are only restricted to one discipline, being that should pervade all disciplines of the course, addressing the issue of sexuality and gender intentionally and throughout the process of teacher education.

**Key words: curriculum, gender, sexuality, pedagogy**

## Introdução

A formação de professores(as) acontece em meio a redes de saber e poder. Essas redes, muitas vezes, constroem a identidade docente para garantir a produção de sujeitos sociais, levando em consideração alguns marcadores, tais como, o gênero, a sexualidade, a etnia, a classe e a raça. Foucault nos propõe observar os efeitos do poder nessas relações.

Assim sendo, as instituições de nível superior destinada a formação de professoras(es) passa a ter um forte papel na construção da identidade docente, na constituição de si, na construção da cultura, na formação de conceitos, atitudes, valores etc, atingindo direta e indiretamente a sociedade. Nesse sentido, as instituições tornam-se responsáveis pela construção dos discursos que mobilizam os mais variados saberes.

A formação de professores(as) depende da pessoa a ser formada e de outros elementos essenciais que estão imbricados neste processo, como por exemplo, o(a) professor(a) formador(a), o currículo e também o contexto da formação. É um processo de mão dupla, no sentido de que há uma movimentação de saberes. Nessa perspectiva, este artigo objetivou analisar o Currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (*campus* de Itapetinga-BA) quanto às questões de corpo, gênero e sexualidade. Assim, foi analisado o Projeto Pedagógico do Curso - PPC e o discurso da professora responsável pela disciplina “Educação, Gênero e Sexualidade”.

## Referencial teórico-metodológico

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, pautada num estudo analítico-descritivo.

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de método e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento; e na variedade de abordagem e métodos (FLICK, 2009, p. 23).

A pesquisa foi realizada no *campus* da UESB do município de Itapetinga-BA, local que recebi a formação inicial e continuada, tendo o curso de Pedagogia como unidade de análise. Além da análise do PPC, também analisei o discurso da docente responsável pela disciplina “Educação, gênero e sexualidade”, por entender, que de todas as disciplinas que o curso oferece, essa é que legitima o espaço para discussão das questões de corpo, gênero e sexualidade. No decorrer do artigo é utilizado o nome fictício “Tarsila”, autointitulado pela docente.

Como instrumento de produção de dados foi utilizado à entrevista semiestruturada e a análise documental. O termo produção de dados é utilizado nesta pesquisa, por entender que os dados não estão postos, apenas para serem coletados. Analiso os dados como produções.

Em se tratando da entrevista, Silveira (2007, p. 118) nos aponta que é preciso:

Olhar as entrevistas como eventos discursivos complexos, forjados não só pela a dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circularam - de parte a parte - no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise.

Entendo a entrevista como uma produção discursiva, e não como um local de materialização de “verdades”, mas de materialização de subjetividades. Nesse sentido, a relação entre

entrevistadora e entrevistada se configura num jogo de saber/poder, de falar/ouvir, de perguntar/responder, isto é, numa relação de fazer falar sobre si e sobre suas práticas. Nesse jogo discursivo é analisado o dito e também o não-dito.

Para arrematar tais reflexões, Silveira (2007) nos provoca a pensar nas entrevistas como jogos de linguagem, reciprocidade, intimidade, poder e redes de representações. Em se tratando do poder, Foucault (1988) nos propõe a pensá-lo circulante, não centrado e não fixo. Nessa perspectiva, Silveira (2007) aponta que nesse jogo da entrevista, o(a) entrevistador(a) tem o direito, isto é, o poder de perguntar, enquanto o(a) entrevistado(a) tem o dever de responder, ou seja, o direito de ser ouvido(a). Contudo, o(a) entrevistado(a) poderá ou não responder, usando de estratégias para materializar a sua subjetividade. A autora afirma que é nesse terreno movedição entre o esperado e o inesperado que acontece as entrevistas.

Já na análise documental - Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UESB (*Campus-Itapetinga-BA*) - busquei extrair dos textos os enunciados dos discursos sobre Corpo, Gênero e Sexualidade. O olhar foi direcionado para a análise da função de existência dos enunciados, seu campo de formação discursiva e as condições de sua materialidade.

Em se tratando de análise de discurso de documento, o texto é visto como objeto histórico de análise, não apenas como um documento, mas como um discurso sócio-histórico. É justamente pelo seu contexto de materialidade histórica da linguagem que busco compreender como o PPC foi construído, produzido e para qual objetivo (ORLANDI, 2005).

Para utilizar o método de Análise do Discurso (AD) na linha francesa, utilizei como aporte teórico Michel Foucault, pela familiaridade do teórico em utilizar a categoria de sexualidade em interface com a categoria de discurso, podendo dessa forma, contribuir para AD também sobre as questões de Corpo e Gênero.

A análise de discurso é inspirada no pensamento de Foucault (2012), sobretudo nos livros *A Ordem do Discurso* e *A Arqueologia do Saber*. Apropriei-me de alguns conceitos foucaultianos para realizar a AD, tais como, discurso, enunciado, práticas discursivas e práticas não-discursivas, formação discursiva e materialidade do discurso.

Antes de entrar na ordem do discurso, no campo da materialidade de produção discursiva do currículo do curso de Pedagogia foi necessário compreender que o currículo é lugar, espaço, território de identidade, é relação de poder, de saber, é texto, é discurso, é documento que constrói identidades, subjetividades, que constrói o sujeito no que ele é (SILVA, 2009).

### **Análise e discussão**

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) foi instituída em 22 de abril de 1987, por intermédio do decreto Federal nº 94.250/78 e do decreto Estadual nº 7.176/98. Em 02 de maio de 2006 foi recredenciada por intermédio do decreto Estadual nº 9.996 por um período de 08 (oito) anos. É uma instituição de caráter multicampi, localizada no sudoeste baiano, tendo a sede administrativa localizada no município de Vitória da Conquista-BA. Integram a UESB, os *campi* de Vitória da Conquista-BA, Jequié-BA e Itapetinga-BA.

O curso de Pedagogia é oferecido nos três *campi*, sendo todos criados no ano de 1998. Esta pesquisa teve como unidade de análise o *campus* de Itapetinga-BA. O curso de Pedagogia da UESB de Itapetinga-BA foi regulamentado a partir da Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 84, de 1997. Atualmente, atende 60 estudantes por ano, sendo 30 no matutino e 30 no noturno.

Desde a implementação, em 1998, o curso só foi reestruturado no ano de 2011. Segundo o PPC a reestruturação do curso é “resultado de amplos debates, estudos, reflexões e sínteses

construídas em seminários e reuniões no qual participaram a Comissão de Reforma Curricular, docentes e discentes do Colegiado de curso” (UESB, 2011, p. 77).

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) foi elaborado nos princípios da “inter/transdisciplinaridade e interculturalidade, confrontando as diversas tendências contemporâneas em movimento nacional para a reformulação do referido curso e das licenciaturas” (ibidem, p. 65).

O PPC aponta o perfil profissional a ser formado, a concepção curricular, a metodologias de ensino, conhecimentos e saberes da profissão docente. De acordo o PPC, as ações desenvolvidas contam com a participação do corpo docente e discente, gestores e funcionários técnico-administrativos da instituição. “Atenta-se, em especial, para a estrutura curricular, relação teoria e prática, estágios, atividades complementares, monitorias, nivelamentos, participação dos estudantes em ensino, pesquisa e extensão” (ibidem, p. 65).

Em se tratando das discussões de “Corpo, gênero e sexualidade” presentes no Projeto Pedagógico do Curso, o documento não traz nenhuma discussão sobre o “Corpo”, a palavra aparece na ementa da disciplina Filosofia da Educação II, onde aponta que será trabalhada “a relação mente-corpo-mundo na cognição e na ação pedagógica”.

A palavra “gênero” aparece duas vezes no PPC, sem contar a quantidade de vezes que ela aparece para apresentar a disciplina *Educação, Gênero e Sexualidade*. A palavra aparece no documento no capítulo destinado a apresentação dos treze pressupostos e princípios que deverão estar em consonância com a formação oferecida em Pedagogia pela UESB (*campus/Itapetinga-BA*); sendo um dos princípios “Demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças ambiental, étnico-racial, de gênero, classe social, faixas geracionais, religiões, necessidades especiais, entre outras” (UESB, 2011). Este princípio busca atender o que determina Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006. No entanto, a resolução vai além do que determina o PPC, “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (BRASIL, 2006 p. 2). Podemos observar que a parte que discute o respeito das “escolhas sexuais” foi suprimida do documento, nem mesmo foi ressignificada. As palavras “sexuais” e “sexo” não aparecem no PPC, exceto quando descreve os conteúdos da disciplina *Educação, gênero e sexualidade*. Entendo que no documento traz a discussão de gênero, porém não discute diversidade sexual.

A outra vez que a palavra “gênero” aparece no PPC é nas discussões da disciplina da Educação Ambiental, onde aponta nove objetivos e um deles é “promover o cuidado com a comunidade de vida, a integridade dos ecossistemas, a justiça econômica, a equidade social, étnica, racial e de gênero, e o diálogo para a convivência e a paz” (ibidem).

A palavra Sexualidade aparece no documento quando se refere à disciplina *Educação, gênero e sexualidade*. Portanto, não traz uma discussão sobre essa temática. Não só o PPC, mas RESOLUÇÃO CNE/CP N° 1, DE 15 DE MAIO DE 2006 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia no Brasil não apresenta uma discussão das questões gênero e sexualidade. Porém, na resolução várias vezes a palavra diversidade aparece numa perspectiva de diversidade social e cultural da sociedade brasileira, como também no PPC essas discussões vão ganhando movimento no decorrer de todo o documento.

No primeiro PPC do Curso já existia um espaço legitimado para discussões sobre a sexualidade, no entanto essas discussões eram pautadas apenas na Psicanálise freudiana.

Quando o curso foi implementado, existia uma disciplina intitulada *Educação Sexual* e nela se trabalhava os seguintes temas:

A Filosofia da Educação Sexual
As concepções de sexo na evolução da humanidade
O desenvolvimento psicosssexual na infância, na adolescência e na vida adulta
Manifestações da sexualidade e problemas de natureza psicossocial

Quadro 1. Temas trabalhados na disciplina Educação Sexual

No PPC mais recente, essa disciplina foi reconfigurada, passando a se chamar *Educação, Gênero e Sexualidade*, além das questões da sexualidade, também foi inserida as discussões sobre gênero. Na nova disciplina são trabalhadas as seguintes temáticas:

Discussão conceitual sobre gênero
As relações entre os gêneros como construção cultural
Permanências e mudanças nas formas de vivenciar e representar o masculino e o feminino no Brasil
Sexualidade: aspectos histórico-filosóficos e seus desdobramentos na educação
Concepção de sexo na evolução da humanidade
Desenvolvimento psicosssexual: infância, adolescência e adulto
Problemas de natureza psicosssexual
Aspectos emocionais, sociais, construídos nas relações de poder
A sexualidade na educação
Orientações sexuais na educação básica

Quadro 2. Temas trabalhados na disciplina Educação, gênero e Sexualidade

Em entrevista concedida pela professora Tarsila, responsável pela disciplina, observei que a reforma ocorreu não só nos referenciais utilizados, mas também no processo metodológico. A ementa anterior utilizava de referenciais freudianos, agora além desse, utiliza referenciais mais na abordagem pós-estruturalista, como Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Gilles Deleuze, Judith Butler, entre outros. Segundo Tarsila, essas mudanças ocorreram devido à necessidade de discutir questões atuais da sociedade, tais como, a homofobia, as relações homoafetivas, adoção de crianças por famílias homoafetivas, as relações de gênero (papel social do homem e da mulher no mundo atual), relações de poder. A ampliação do referencial ocorreu, pois o anterior não dava conta dessa discussão mais ampla (TARSILA). A disciplina é de cunho teórico e prático, uma das suas avaliações é a elaboração de um projeto e sua execução em uma escola de Ensino Infantil ou Fundamental, sendo que todo processo é acompanhado pela professora e por uma monitora.

Tarsila participou do processo de reestruturação do PPC e ressalta que no processo de reestruturação do curso, houve embates no que se refere à disciplina *Educação sexual*. As

dúvidas eram em torno de deixá-la como optativa, retirá-la ou ampliá-la. A última opção que prevaleceu, pois segundo Tarsila, a disciplina Educação sexual não estava adequada, necessitava de referências com estudos mais recentes para ampliar as discussões.

Tarsila apontou algumas limitações para trabalhar com a disciplina, tais como: falta de discussões sobre corpo, gênero e sexualidade em sua formação inicial e continuada, discursos dos(as) graduandos(as), falta de livros que abordem os temas e os discursos dos próprios funcionários (as) da universidade.

Tarsila relata a visão estereotipada que as alunas têm da disciplina, que nela será tratada questões de “putaria”. “Quando eu chego na sala de aula e passo a ementa, eles veem que não é nada daquilo que eles estavam imaginando”. A visão dos estudantes aparece aqui para Tarsila como um desafio a ser vencido. Por que é uma limitação a visão que na disciplina discute putaria? Seria porque a putaria é um campo discursivo cuja entrada é proibida? O que seria o nada daquilo que eles(as) estavam imaginando? No decorrer da entrevista, Tarsila vai esclarecendo.

A gente ver que a disciplina é de cunho pedagógico, você vê o processo de desenvolvimento infantil relacionada à sexualidade, e você percebe. A gente vê em certas pessoas um ar de decepção, porque pensava que a gente ia falar mesmo do ato sexual? A gente vê que a disciplina é de cunho pedagógico, você ver o processo de desenvolvimento infantil relacionada à sexualidade, e você percebe como seu corpo funciona e como que você vê como pode estar estimulando seu corpo, como você pode estar trabalhando a questão do conhecimento da criança sobre seu corpo, de conhecer todos os processos referentes a nós mesmos enquanto seres humanos, em relação ao sujeito. Então eles se decepcionam, acham que a gente vai falar sobre o ato sexual em si, a gente vai muito mais além, a gente brinca para ficar uma aula mais descontraída, para quebrar certos parâmetros que nossos alunos têm em relação à disciplina, aí a gente faz brincadeiras para tornar o ambiente descontraído, mas o nosso foco principal é que eles tenham essa consciência do respeito do sujeito em relação ao conhecimento do seu próprio corpo, porque como eu vou trabalhar com a criança se eu não conheço próprio desenvolvimento do meu corpo também **Então há uma necessidade de trazer a luz essas questões** (TARSILA) (grifo meu).

Parece-me que os estudantes esperam trabalhar na disciplina o prazer sexual, falar sobre o ato sexual, mas essa visão deles é percebida por Tarsila como equivocada. No enunciado “a disciplina é de cunho pedagógico”. No contexto da nossa sociedade, a escola, as instituições de formação de sujeitos são lugares de “pedagogização dos corpos” (LOURO, 2000b), ou seja, por meio de práticas sutis produzem identidades sexuais e de gênero. As instituições tornaram-se privilegiadas neste papel de construção de sujeitos, utilizando-se dos discursos para disciplinar e normatizar os corpos, propondo-se um silêncio sobre os prazeres sexuais, em contrapartida se ocupando de falar da sexualidade em um padrão tido como normal e natural - a heterossexualidade - negando outros discursos que também nomeiam a sexualidade e os corpos (LOURO, 2000a).

Tarsila afirma desenvolver aulas descontraídas “para quebrar certos parâmetros que nossos alunos têm em relação à disciplina, aí a gente faz brincadeiras para tornar o ambiente descontraído, mas o nosso foco principal é que eles tenham essa consciência do respeito, do sujeito em relação ao conhecimento do seu próprio corpo”. Ela ressalta que “como eu vou trabalhar com a criança se eu não conheço próprio desenvolvimento do meu corpo também”. Questiono: Por que é preciso tornar o ambiente descontraído para falar sobre a sexualidade? Foucault (1988) nos chama a atenção para o fato de muitas pessoas não quererem adentrar a ordem “arriscada do discurso” sobre a sexualidade, preferindo muitas vezes o silêncio, mas se

sair do silêncio que seja para disciplinar. A sexualidade ainda é vista como “bicho papão”, sendo necessário criar um ambiente “adequado” para poder falar.

Tarsila revela que nas realizações das aulas, já vivenciou situações diversas, como estudantes que “odiaram apresentar trabalho”. “Eles(as) dão graças a Deus quando terminam as apresentações”. Tarsila cita um exemplo “teve uma aluna que foi falar sobre a vagina, sobre o órgão. Quando ela estava falando, ela foi ficando vermelha, desesperada, quando terminou ela disse: Ufa! Graças a Deus que terminou isso. Então a gente vê essas questões como receio, para trabalhar”. Parece que o receio de Tarsila está em colocar em “xeque” os discursos e os medos dos (as) alunos(as). Outra situação citada por ela refere-se a uma aluna que se recusou assistir a um vídeo intitulado *O monólogo da vagina*. Por achar uma falta de respeito de a professora mostrá-lo. Será que o homem se constrangeria para falar ou para assistir um documentário que falasse do pênis? Segundo Foucault (2012c) a construção do sujeito acontece nas relações de poder. Assim, a produção de homens e mulheres acontece de formas distintas. Para a mulher falar da sexualidade é transgredir a norma, pois sua figura está associada a pureza, docilidade, fragilidade e graça. Entrar no campo discursivo da sexualidade é transgressão. Em contra partida, a figura do homem está associada a atividade, racionalidade, curiosidade, coragem, determinação e soberania. Sua entrada no campo discursivo da sexualidade é uma maneira de explicitar sua masculinidade e seu conhecimento do assunto. O discurso do permitido e do não permitido no campo da sexualidade para mulheres e homens foi uma construção histórica e cultural que permeia até os dias de hoje.

A sexualidade é um elemento determinante na constituição do sujeito, na constituição de si (FOUCAULT, 1988), sendo necessário colocar em evidência os discursos que condenam o contato com o outro e consigo mesmo, colocar em suspensão a desconstrução de uma sociedade desenhada e rascunhada em relações de controle dos corpos.

As práticas sexuais estão historicamente entrelaçadas por relações sociais, por relações de saber/poder. Esse jogo de controle dos corpos, de controle do prazer corporal determina o que é lícito e o que é ilícito nas práticas sexuais, o que é permitido e que não é permitido dizer (FOUCAULT, 1988). Penso que na aula explicitada acima, Tarsila possibilitou a entrada da aluna num campo discursivo proibido, falar da vagina é um discurso ilícito, uma vez que o vocabulário em torno da sexualidade foi silenciado desde o século XVIII. Penso que a aluna concebe a vagina como um órgão vergonhoso. Mas por que vergonhoso? A vagina é um órgão utilizado nas práticas sexuais que provoca prazer. Entrar no campo discursivo do prazer não é permitido.

Outro episódio relatado por Tarsila foi que durante a realização de uma aula, ela estava trabalhando com a temática “Pornografia”. Para explicar assunto, construiu um cartaz grande com fotografias de revistas eróticas, de repente o professor do curso de Zootecnia da sala ao lado, chegou à porta e pediu para ela calar a boca e tirar aquela putaria do quadro. Ameaçou denunciá-la para departamento. Segundo Tarsila, “a primeira limitação que a gente tem é o outro, o que me limita é o outro, nem tudo que passo em sala de aula, posso passar em outra”.

As instituições destinadas à construção de identidades de sujeitos equacionam as tensões no campo da sexualidade e também do gênero, gerando as hierarquias, a desigualdade, os preconceitos. As instituições educativas governam e organizam a sociedade, designam os papéis sociais de cada sujeito, levando em consideração à raça, a etnia, a identidade sexual e de gênero. Em suma, estabelece um jogo de regras, gerando os conflitos para aqueles que não obedecem às regras do jogo.

Os discursos sobre corpo, gênero e sexualidade que perpassam o curso de Pedagogia da UESB (*campus/Itapetinga-BA*) estão permeados pela relação de poder e saber. Assim, esta pesquisa evidenciou a necessidade de mais espaços de debates e reflexão sobre as questões de

corpo, gênero e sexualidade. Esses espaços devem ser oferecidos desde o primeiro semestre da licenciatura, seja em curso de extensão, grupo de estudos e pesquisas, seminários, entre outros. Essas questões não devem ficar restritas apenas a uma disciplina, e sim perpassar todas as disciplinas do curso, abordando a temática sexualidade e gênero de modo intencional e ao longo de todo o processo de formação docente.

## Agradecimentos e apoios

Agradeço ao meu orientador, Marcos Lopes de Souza e a todos(as) professores(as) do programa de Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores da UESB.

## Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia. Brasília, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª ed. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2012a.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em dois de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalho. 40.ed. Petrópolis, Vozes, 2012c.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo educado: Pedagogia da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.**

\_\_\_\_\_. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal. Porto Editora, 2000b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos – 6. ed.** Campinas, SP: Pontes, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. IN: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa na educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Itapetinga, BA, 2011.